



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPOS I-CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA**

Marizélia de Araújo Silva

**O DESENVOLVIMENTO SÓCIOAFETIVO DE CRIANÇAS NO
BERÇÁRIO**

CAMPINA GRANDE-PB

2014

Marizélia de Araújo Silva

**O DESENVOLVIMENTO SÓCIOAFETIVO DE CRIANÇAS
NO BERÇÁRIO**

Artigo apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências legais, para obtenção do título de Graduado em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Livânia Beltrão Tavares

CAMPINA GRANDE – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586d Silva, Marizélia de Araújo.
O desenvolvimento socioafetivo de crianças no berçário
[manuscrito] / Marizelia de Araújo Silva. - 2014.
37 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Profa. Ma. Livânia Beltrão Tavares,
Departamento de Pedagogia".

1. Socialização. 2. Afetividade. 4. Criança. I. Título.
21. ed. CDD 303.32

MARIZÉLIA DE ARAUJO SILVA

O DESENVOLVIMENTO SÓCIOAFETIVO DE CRIANÇAS NO
BERÇÁRIO

Aprovado em 09 / dezembro / 2014

Banca Examinadora

Livânia Beltrão Tavares

Prof.^a. Ms.^a. Livânia Beltrão Tavares -UEPB
(Orientadora)

Kelli Faustino do Nascimento

Prof.^a. Pós - Doutora -UEPB
(Kelli Faustino do Nascimento)

Diana Sampaio Braga

Prof.^a. Ms.^a -UEPB
(Diana Sampaio Braga)

RESUMO

O presente artigo teve como objetivo refletir sobre o desenvolvimento sócio afetivo de crianças de berçário de uma creche filantrópica da cidade de Campina Grande-PB. Essa pesquisa surgiu das experiências vivenciadas no estágio supervisionado do curso de pedagogia–UEPB com crianças de 0 à 6 anos. Durante as observações na referida creche verificou-se a falta de profissionais com formação adequada para cuidar e educar às crianças, de acordo com as necessidades próprias da etapa evolutiva em que se encontram, limitando-se a cuidados diários sem intervenção pedagógica adequada, bem como a falta de carinho, respeito, solidariedade e atenção. Entendendo que o afeto e a interação social fazem parte da natureza humana, pois são emoções e sentimentos positivos ou negativos que norteiam nossas decisões, bem como as relações interpessoais, sendo importante para uma convivência saudável e harmoniosa entre as crianças e cuidadores. Sendo assim, ressaltamos a importância da creche como espaço de interação social e afetiva, que deve propiciar atividades diversas que favoreçam a boa convivência, o respeito às regras, as relações afetivas com colegas e professores. Neste sentido, questionamos: Como ocorrem as relações sócioafetiva das crianças na creche estudada? Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa com uma turma de crianças do berçário de uma creche da cidade de Campina Grande-PB. A fundamentação teórica teve como base os seguintes autores: Coll (2004), Cória-Sabini (2003) Feldman (2007), Papalia (2006), Myers (1999). Em suma, assinalamos a necessidade de profissionais que conheçam o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança, podendo assim, entender melhor como intervir nesse processo de transformação e autoconhecimento em que elas se encontram, contribuindo para uma educação mais humanizada.

PALAVRA CHAVE: Desenvolvimento. Socialização. Afetividade. Criança .

ABSTRACT

This article aims to reflect on the social emotional development of nursery level children from a nonprofit day care center in the city of Campina Grande-PB. This research came from experiences in the supervised practice in the pedagogy course at UEPB with children ranging from 0 to 6 years .during observations in that daycare there was a lack of trained professionals to care for and educate the children according to their own needs of the evolutionary stage they are in, limiting the daily care, because of the lack of adequate pedagogical intervention, affection, respect, solidarity and attention. Understanding that affection and social interaction are part of human nature, there are positive or negative emotions and feelings that guide our decisions, as well as interpersonal relationships, which are important for healthy and harmonious living among children and care givers. With this in mind, we emphasize the importance of childcare as a space for social and affective interaction, which should provide many activities that encourage coexistence, respect for rules and affective relationships with peers and teachers. In this sense, we ask: How do the socio-affective relations of children in daycare occur? Therefore, a qualitative research with a group of children in a day care nursery in the city of Campina Grande-PB was performed. The theoretical framework was based on the following authors: Coll (2004), Coria-Sabini (2003) Feldman (2007), Papalia (2006), Myers (1999), Wallon (1993) .In short, it pointed out the need for professionals to have knowledge of the cognitive, affective and social development of the child, and thus, better understand how to intervene in this transformation and self-knowledge that they are in a process, contributing to a more humane education.

KEYWORDS: Development.Socialization.Emotional.Children.

INTRODUÇÃO

Desenvolvemos uma pesquisa qualitativa com crianças de berçário, de uma creche filantrópica da cidade de Campina Grande-PB, tendo como objetivo analisar o desenvolvimento sócioafetivo destas crianças. Diante das observações realizadas na referida creche, verificou-se que as atividades realizadas pelos educadores limitam-se a cuidados diários, sem intervenção pedagógica adequada, bem como há falta de carinho, respeito, solidariedade e atenção para com as crianças. Na instituição, pouco vimos uma relação de carinho, atenção e companheirismo e muito menos atividades direcionadas para idade das crianças. Diante do exposto, entendemos que se faz necessário que se reflita sobre a educação infantil em creches, promovendo discussões sobre o tema, bem como conscientizar os novos profissionais da área e tentar modificar este cenário. Pois não é preciso estudar muito para entender que as crianças são o futuro de qualquer país, e para que uma nação tenha um futuro promissor, se faz necessário que tenha um povo com uma boa educação. E para que isso aconteça, cabe aos poderes públicos e aos profissionais competentes investir na educação infantil, como base para a formação de pessoas humanizadas.

A educação infantil é uma fase muito importante para o desenvolvimento saudável da criança, que encontram-se em plena fase de descobertas do mundo e de em si mesma.

Observa-se na citada creche, a falta de conhecimento dos cuidadores do berçário sobre a importância do desenvolvimento sócioafetivo, de modo que necessitam ser orientados e que haja um suporte profissional qualificado, para oportunizar um desenvolvimento completo e sadio para a criança. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RECNEI, 1998), o contato afetivo da criança com o adulto é fundamental para a aprendizagem, pois eles são modelos de imitação e criam suas próprias reações: balançam o corpo, batem palmas, viram ou levantam a cabeça, etc. Muito mais que cuidar, os adultos são referências boas ou ruins para o desenvolvimento infantil, porém essa

fase necessita de pessoas qualificadas e comprometidas com o seu bem estar emocional, que refletirá na sua personalidade.

Sendo assim, cabe ao educador entender como funciona o desenvolvimento infantil, para que venha contribuir como mediador e facilitador deste processo. Tendo em vista que a criança, desde a tenra infância, se encontra em desenvolvimento social e afetivo, pois desde os primeiros momentos de vida elas já se comunicam e mantêm um vínculo com os adultos com quem convivem. Na creche pesquisada, encontramos crianças que não mostravam reação referente às atividades cotidianas, eram apenas levadas para comer, dormir e obter a higiene pessoal, deixando de ser estimuladas intencionalmente, sendo repreendidas de movimentar seus corpos, de explorar o ambiente, de exprimir seus sentimentos e emoções, inibindo muitas vezes seu modo de se expressar.

Porém, cabe a/o pedagogo (a) em suas atividades cotidianas, transformar o tempo de permanência da criança na creche em momentos de interação, afeto e aprendizagem, promovendo oportunidade para interação com o outro, que favoreçam amizade, solidariedade e aceitação das diferenças.

1-O desenvolvimento social da criança

Numa perspectiva Walloniana, a socialização é a capacidade que o ser humano tem de interagir com o outro e o meio em que vive; modificar e ser transformado de uma forma dinâmica e constante, acompanhando o ser humano desde a concepção até a morte. A vida em sociedade é necessária e essencial para a vida humana. Diante disto, o homem não consegue se desenvolver sem o outro, as relações nem sempre são fáceis na vida, é preciso ser encaradas através da diversidade e construir relacionamentos que envolvem vários níveis de convivência: os níveis familiares, os escolares, os profissionais e sexuais e outros. A todo tempo estamos nos relacionando com alguém. (MAHONEY, 2004, p.98)

Para melhor entender como se origina esse processo de socialização, começamos com o nascimento do bebê, que desde então, estabelece contato com a progenitora, que será sua referência no processo de maturação, que perpassa toda a sua existência. A mãe é o primeiro ser que o bebê tem contato no mundo e a primeira que o alimenta e oferece cuidado necessário para que ele se sinta confortável e protegido.

O desenvolvimento social, como o desenvolvimento afetivo, constitui-se, portanto, em grande parte entre 0 e 3 anos e a partir da relação com a mãe, com os pais [...]. Até os três anos, a criança descobre o outro como ela descobre seu próprio corpo e o conjunto do seu meio-ambiente: seus pequenos companheiros são estímulos que lhe permitem exercer a motricidade, sua inteligência, sua linguagem e começar a se afirmar como pessoa. (DELDIME; VERMEULEN, 1999, p.71-72).

Esse processo de auto-afirmação e descoberta de si mesmo e do ambiente em que vive se dá através dos conflitos, da exploração do espaço físico, fazendo seleções e conseqüentemente à exploração do corpo e suas sensações, através do encontro com o outro desenvolvendo assim em todas as dimensões (afetiva, social, cognitiva e física). (MURRAY e TREVATE HEN, apud MYERS, 1986, p.67).

Sendo assim, como diz Myers (1990), pensar a criança como um ser sociável é compreendermos que desde o nascimento a criança já se comunica

com a mãe através de contato visual, contato físico, sorriso e voz, os bebês, independente de sua cultura, desenvolvem um vínculo muito intenso com pessoas ao seu lado. Segundo Cória-Sabini (2004,p.46) "A maior parte das interações sociais da criança nos dois primeiros anos de vida é com o adulto". Ou seja, com pessoas que fazem parte do seu dia a dia como: a mãe, pai, irmão, avós, tios, cuidadores, pessoas que os acompanham nas trocas de fraldas, na comida, banho e dormida, pessoas que lhe dão afeto, segurança e amor.

Ainda conforme Cória-Sabini, no decorrer dos primeiros meses, ela já sorri para os pais e por volta dos três meses já demonstra sinais de consciência social: pára de chorar quando alguém se aproxima, presta atenção na voz das pessoas adultas e choraminga quando a mãe ou alguém que cuida se afasta. Em torno dos cinco e sete meses elas distinguem as pessoas estranhas das familiares.

Diante disto, a primeira experiência com adultos estranhos é muito importante, pois se esta experiência for agradável, calma e afetuosa, a criança terá uma relação amigável com o adulto, porém se essa relação for ameaçadora, logo seu comportamento será de rejeição a todos os adultos. "Após os primeiro seis meses de vida, as interações sociais crescem em numero e complexidade. Aumentam brincadeiras, tais como esconde-esconde, fingir que está dormindo, dar adeus, bater palminhas quando alguém canta parabéns." (CÓRIA-SABINE, 2004, p.48). No entanto, essa fase é o momento da criança interagir com os adultos que a rodeia, assim estabelecendo um vínculo de carinho, amor admiração, e confiança que será referência para sua formação. Sua interação com outros bebês inicialmente é pequena, pois segundo a autora acima citada, antes de um ano a criança basicamente está descobrindo o mundo que a rodeia, no entanto os colegas são apenas mais um elemento e não como alguém. Suas interações são basicamente de tomar o brinquedo do outro, tentar se afastar quando o outro chora para chamar atenção. Porém, só a partir dos dois anos eles começam a interagir e brincar em grupos.

Depois da família, a escola tem um papel muito importante para a preparação da criança na convivência plural, seja ela de raça, cor, credo, sexual, religioso ou pessoas com deficiência. É fundamental que desde tenra infância sejam estimuladas as habilidades sociais, que serão indispensáveis para

as relações interpessoais, tais como: o respeito ao outro, a disposição para ajudar e ser ajudado, a troca de experiência, a convivência com o sucesso e o fracasso do outro e a solidariedade como troca e partilha, na qual exista uma convivência harmoniosa de respeito e comunhão. Porém, o afeto é fundamental para as relações interpessoais e ambos caminham juntos e fazem parte da natureza humana.

1.1A afetividade e seus desdobramentos na aprendizagem

Assim como na socialização, ver a criança como ser afetivo é entender que desde sua concepção a criança está envolta em um panorama de sentimentos, emoções, paixões que irão lhe acompanhar em todo o seu processo de desenvolvimento até a vida adulta. A todo o momento nos deparamos com emoções que nos fazem sofrer e nos proporcionam prazer. Sentimentos que nos permitem tomar decisões que afetarão nossa vida e consequentemente de pessoas que fazem parte do nosso convívio: Mas como diferenciar a emoção do sentimento? (MAHONEY, 2004, p.61).

Mahoney (2004), citando Wallon, vem descrever que por serem fatores inerentes à afetividade, as emoções e sentimentos são confundidos. No entanto, as emoções são reações orgânicas, imediatas, decorrentes de acontecimentos ou causa, como: medo, surpresa, alegria entre outros, que cada pessoa reage de uma forma única. Já o sentimento é mais duradouro, menos intenso, mais controlável como por exemplo, o amor.

Segundo Mahoney (2004, p.61) com base na teoria de Wallon, "A afetividade é o conjunto funcional que responde pelos estados de bem estar e mal estar quando o homem é atingido e afeta o que o rodeia." Ou seja, a afetividade é um conjunto de funções que abrangem sentimentos, emoções que nos acompanham e influenciam nossas atitudes, porém são desempenhos inerentes ao ser humano que nortearão nosso estado de medo, vergonha, ciúmes, paixão e raiva, sentimentos presentes em nossa existência.

Para melhor entender esse estado de bem e mal estar, Mahoney (2004) inicia explicando as sensações primárias, que tem origem pela sensibilidade interoceptiva e proprioceptiva, a primeira é sentida através das vísceras, que levam a criança sentir seus órgãos como: estômago, articulações, intestinos, etc. A sensibilidade proprioceptiva é a sensação que os leva a sentir os músculos, articulações e seus próprios tendões. Assim desencadeando as sensações exteroceptivas, que são afetadas estimuladas pelos objetos do mundo exterior, que constitui as sensações de bem e mal estar, de desconforto como: fome, cólica, cólera, ou quando são incomodados pelas fraldas molhadas, ou a roupa apertada são interferências externas que irão possibilitar o entendimento, quando ela está bem através de um sorriso ou de choro.

Entender a afetividade é uma forma de compreender o aluno na sua totalidade, é reconhecer suas frustrações, seus medos e decepções, é reconhecer suas necessidades básicas através de um olhar, sorriso ou choro e se sensibilizar com seus fracassos e conquistas, motivando-os e envolvendo-os no processo de educação, pois se o aluno tem uma relação recíproca de carinho entre professor e colegas ele se sente mais acolhido, seguro e conseqüentemente mais envolvido e participativo. Enfim, a afetividade muitas vezes esquecida em sala de aula, é um dos instrumentos fundamentais que o professor dispõe para uma prática consciente, na qual considera a criança nas suas ansiedades e angustias, trabalhando assim, seu desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo para formar o indivíduo seguro e mais humano.

Como expressão do afeto, o apego, sem dúvida, é um dos sentimentos fundamentais nessa fase, pois é exatamente entre 0 e 6 anos que as crianças fortalecem seus laços afetivos com familiares, professores e colegas. O apego sem dúvida é o comportamento social mais impressionante que envolve sentimentos recíprocos entre o ser humano. No decorrer do seu processo de desenvolvimento, a criança vivencia a ampliação de suas percepções, ansiedades e medos e assim, procura se apegar às pessoas mais próximas do seu convívio, garantindo sua segurança, estabilidade, apoio em situação de desequilíbrio. Para Myers:

[...] o apego consiste em uma pessoa proporcionar à outra uma base segura da qual explorar o mundo e um refúgio certos momentos de estresse. À medida que amadurecemos, nossos apegos mudam. A base segura e o refúgio certo são transferidos dos pais para os companheiros. Mas em todas as idades somos criaturas sociais [...]Crowel E Waters, (apud MYERS. 1994 p.67).

Segundo o autor, no decorrer do tempo e com o amadurecimento, nossos apegos mudam a base de segurança e os refúgios certos, antes depositados nos pais, agora são transferidos para os companheiros, confiantes pessoas com as quais tendam suas aspirações, que apoiando no momento de angústia, servindo assim, de modelos para sua personalidade. Porém, em todas as idades, somos seres sociáveis e afetuosos, em constante busca de uma palavra amiga. Sentimento esse que serve de termômetro para pais e professores entenderem como funciona o temperamento de cada criança e como elas reagem em determinada situação.

Diante estudos referentes ao temperamento dos bebês, foram constatados que determinados comportamentos da criança são inatos, ou seja, ela já nasce propensa a certas condutas de sua personalidade, principalmente os elementos naturais como a sensibilidade emocional, que supostamente guiará os padrões de comportamentos da infância até a fase adulta. Myers (1990, p.70) esclarece os rudimentos inatos de personalidade, especialmente a excitabilidade emocional da criança, se reativa, intensa e irrequieta ou, quieta e plácida [...], “são fatores essenciais para a identificação do humor dos bebês se são, mas tranquilos ou irritados, se tem dificuldade para dormir, chora com frequência, calmos ou sorridentes.” Tais fatores podem determinar se a criança se tornará um adulto calmo, agitado, tímido ou sociável.

Assim, as crianças que demonstram mais suas emoções como choro, sorriso, tendem a reagir aos estímulos externos aos nove meses de idade com mais intensidade. Bebês que nos primeiros meses de vida tem reações de inquietações com costas encurvadas, choro sem causa aparente, irritabilidade e sustos frequentes, são, mas propensas a ser tímidas aos 2 anos. E os que são mais sociáveis sorridentes e receptivos tendem a ser uma criança tranquila no

segundo ano de idade. Na educação infantil, crianças com maior intensidade emocional são pré-dispostas a serem mais intensas e agitadas quando adultos. Assim, como o temperamento inato da criança influencia em seu comportamento, os fatores genéticos também têm sua parcela na formação da personalidade. (MYERS, 1990, p.72)

Segundo Myers (1990), estudos apontam a hereditariedade como fator que pode contribuir para as diferenças humanas, bebês inquietos e tensos, possuem pulsações altas e variáveis e um sistema nervoso reativo. Ou seja, crianças com irritabilidade que se estressam com facilidade.

Já segundo Rabelo (2007), citando o teórico -Erik Erikson, a segurança básica, na relação com os pais é fator essencial para um bom desenvolvimento da criança. Reforçando assim, a confiança em outras pessoas, através das relações entre os pais, professores, cuidadores. No entanto, se faz necessário que esse vínculo de carinho, afago e atenção que os pais oferecem a seus filhos no início da vida, sirva para que eles ampliem o senso de confiança no mundo que os cercam, preparando adultos seguros, que enfrentem seus problemas com confiança no próximo.

A diferença de comportamentos em crianças com mesma faixa etária é muito comum quando se leva em consideração a influência genética quando Rabelo (2007) cita Erikson que vem abordar a importância do desenvolvimento psicossocial e seus oito estágios, em cada um o ego passa por uma crise que dependendo do desfecho pode ser negativa ou positiva.

As crises dão nome aos estágios psicossociais que, segundo Erikson (apud RABELO, 2007), são: 1-Confiança básica X Desconfiança básica, 2-Autonomia X Vergonha e Dúvida, 3-Iniciativa X Culpa, 4-Diligência X Inferioridade, 5-Identidade X Confusão de Identidade, 6-Intimidade X Isolamento, 7-Generatividade X Estagnação, 8-Integridade X Desespero. No entanto nos detemos com os estágios que abrangem a faixa etária da educação infantil (0 a 6 anos).

1-Confiança básica- São estágios dos primeiros contatos sociais, com o nascimento ela tem o contato com a progenitora, que será referência de carinho

amor e atenção nas horas de angústia, é nela que ele deposita sua segurança através de carinho amor e atenção dos pais.

Portanto, se faz necessário que os pais as tratem com paciência e carinho, pois assim consolidarão seus sentimentos de segurança e otimismo, caso contrário podem se sentir inseguras e desconfiadas. Para Erikson, de acordo com Rabelo (2007), o excesso de carinho também pode ocasionar a idealização de uma mãe perfeita, na qual não tenha defeito, sinônimo de mulher insubstituível os transformando em adultos frustrados, com as relações que não suprem as necessidades que antes eram preenchidas pela mãe. Assim desenvolvendo sentimentos de frustração, agressividade e desconfiança, que no futuro pode se transformar em baixo nível de competência, entusiasmo e persistência. No entanto, é muito importante que pais procurem encontrar o equilíbrio necessário para lidar com seus filhos.

2-Autonomia x Vergonha e Dúvida - Neste estágio, a criança está no momento de explorar o ambiente que vive, e conseqüentemente surgem as regras impostas pelos pais que irão estabelecer o que é errado ou certo, usando da vergonha e do encorajamento para dar o nível certo de autonomia, enquanto aprende as regras sociais. Rabelo (2007) esclarece que se a criança é exposta a vergonha constante, ela pode reagir com o descaramento e a dissimulação e tornar-se um adulto com o sentimento frequente de vergonha e dúvida sobre suas potencialidades e capacidades.

3-Iniciativa x Culpa - Como foi citada anteriormente, este estágio é marcado pela utilização das suas habilidades intelectuais e motoras, para se alcançar uma meta: a responsabilidade também faz parte desta fase. Rabelo (2007) esclarece que, para Erikson, assim como para Freud, as metas elaboradas são impossíveis. Como o complexo de Édipo, quando o filho se dá conta de que é impossível ele ocupar o lugar do pai, e se vê obrigado procurar outra forma de canalizar seus sentimentos para outra atividade, como relações sociais, aprender ler e escrever e lidar, contornando assim os sentimentos conflitantes.

A necessidade de lidar com sentimentos conflitantes sobre nós mesmos está no cerne da terceira crise de desenvolvimento da

personalidade identificada por Erik Erikson (1950): iniciativa versus culpa. o conflito surge a partir do crescente sentido de propósito, o qual permite à criança planejar e realizar atividades e crescente dores na consciência que a criança pode ter em relação a esses planos (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006 p.318)

Esse período também é marcado, segundo Erikson, pelo conflito, no qual a criança se culpa por fazer ou achar que fez algo errado, seguindo padrões exigidos pelos pais. A criança se encontra em uma fase que quer fazer diversas coisas ao mesmo tempo, mas está aprendendo que algumas coisas recebem aprovação social e outras não, entretanto se divide em poder fazer tudo, experimentar novas experiências, ou se tornar uma adulta, aprender a regular suas vontades por medo ou culpa da punição.

Como a criança está vivendo em período de adaptação da sua personalidade, essa crise pode ocasionar consequências para vida adulta, crianças que não resolvem a crise de iniciativa versus culpa provavelmente se tornaram ou uma criança muito tímida, sem iniciativa, ou uma pessoa que gosta de estar sempre se exibindo, querendo chamar atenção, ou que sofre de impotência ou doenças psicossomáticas.

4-Diligência x inferioridade-Este estágio é marcado pela iniciativa de objetivos imediatos, na qual surge interesse pelas profissões, e a criança começa a imitar papéis numa perspectiva imatura, mas em evolução de futuro. Por isso, pais e professores devem estimular a representação social da criança, a fim de valorizar e enriquecer sua personalidade, além de facilitar suas relações sociais. A estimulação que os pais dão às realizações independentes, à exploração e às tentativas de domínio do ambiente pela criança podem influir de maneira positiva em seu comportamento futuro [...](MUSSEN 1975, p.94).

Crianças que são estimuladas à prática de manipulação de seu ambiente e à independência precoce desde o maternal pelas mães e pais e professoras/os ou cuidadores, tornam-se crianças interessadas em atividades que lhes apresentem desafios e criatividade, como a arte, leituras de livros, auxiliando assim para um

futuro escolar promissor. Mussen (1975) comenta sobre pesquisa feita com famílias democráticas e famílias controladoras.

Apontam que famílias que apresentam atividades afetivas na medida certa formam crianças comuns um elevado grau de liderança, atividade, desembaraço, autodefesa, criatividade, originalidade, construtividade, curiosidade, não conformismo e desobediência. Já crianças de família mais rígida, controladora tendem a ser inibidas, bem comportada, socialmente inibida, muito conformista, com pouca curiosidade e criatividade. Nesta perspectiva, deparamos com a importância da convivência das crianças em outros ambientes com pessoas diferentes, mas na mesma faixa etária, esse ambiente no qual se sintam confortáveis, estimuladas e principalmente tenham um acompanhamento pedagógico dirigido.

É fundamental, como foi comentado anteriormente, a importância do apego das crianças com os pais para seu desenvolvimento socioafetivo. Porém, há momentos em que ela necessita entrar em contato com outras pessoas, com novos ambientes e se apegar a outros personagens. No entanto, é fundamental que esse novo ambiente seja um local alegre, estimulante, como ressalta MEYERS (1980), um ambiente saudável tem que proporcionar alegria e segurança, na qual haja estímulos verbais, em que qualquer criança fale com frequência com o adulto que cuida dela e proporcione incentivo intelectual e social.

Nessa perspectiva possuindo estímulos verbais, intelectual e social num ambiente onde as crianças encontrem espaços para falar, brincar, sorrir, usar sua criatividade e fantasias, convivendo com novas pessoas que lhe transmitam afeto, segurança e confiança. Contudo, é imprescindível que a criança tenha uma educação infantil no ambiente sadio com pessoas competentes e bem preparadas.

O apego como podemos ver, tem um papel primordial para o desenvolvimento positivo na primeira infância. Conforme Myers (1980), a segunda infância que vai dos 3 a os 6 anos, quando inicia a formação da personalidade, na qual a principal formação da criança, está essencialmente no sentido positivo do eu. À medida que ela adquire a visão positiva de sua imagem, ela se torna uma

criança com a autoestima elevada, servindo de base para a formação de sua personalidade, que será positiva ou negativa, dependendo de como foi desenvolvida sua auto percepção, a imagem que a criança tem de si mesmo segundo Referencial Curricular-RCNEI.

No plano da consciência corporal, nessa idade a criança começa a reconhecer a imagem de seu corpo, o que ocorre principalmente por meio das interações sociais que estabelece e das brincadeiras que faz diante do espelho. “Nessas situações, ela aprende a reconhecer as características físicas que integram a sua pessoa, o que é fundamental para a construção de sua identidade (BRASIL, 1998).

A partir do sexto mês a criança, já se reconhece em frente do espelho, quando ela estende as mãos quando passa em frente, quando identifica algo diferente na sua imagem como um ponto vermelho no nariz. A partir desta autopercepção, esse processo vai gradualmente aumentando. Na idade escolar, eles já sabem se identificar através do sexo se é menino ou menina, quem participa de grupos maiores ou menores, se são mais inteligentes, espertos em comparação com os colegas. No decorrer do tempo, a criança se reconhece no outro através de características físicas, psicológicas e de gênero como esclarece o autor.

A partir desse simples auto reconhecimento, o auto conceito da criança vai gradativamente se tornando mais forte. Na idade escolar, as crianças começam a se descrever em termos de sexo, participação em grupos e características psicológicas, comparando-se com outras crianças. Newman Ruble, 1988; Stipek, (apud MYERS. 1992 p. 73).

Transcorrendo esse panorama infantil de descobertas, nos deparamos com a importância do contato com outras crianças da mesma faixa etária e para a formação da personalidade, conhecer, brincar e até brigar, trocar experiência, jogar, correr, chorar, sorrir juntos, comparar, se reconhecer no outro, conforme

Myers(1980),a visão que as crianças têm de si mesma afeta suas ações. Crianças que formam um auto conceito mais positivo são mais confiantes, independentes, otimistas, afirmativas e sociáveis.

A criança que possui um autoconceitopositivo, é mais confiante, autônomas, otimistas, afirmativas e sociáveis. Já as crianças com autoconceito negativotende a se depreciar, ser desconfiados, inseguros, ter medo de tudo, pessimistas. Nesta perspectiva, é importanteque as criançastenham um bom desenvolvimento social e afetivo.

Aos três anos de idade, a criança inicia seu processo de conhecimentos de padrões, regras e objetivos aceitos pela sociedade; neste momento,ela se encontra em extrema atividadededescoberta,tentando manter sua curiosidade, entendendo o mundo que a cerca, preocupada com a reações e atitudesdos pais, a criança se vê com dúvidas do que realmente é certo fazer e o que é errado,internalizandomomentos de emoções de auto avaliação como orgulho, vergonha e culpa,fatores essenciais para definir seu temperamento.(PAPALIA,2009,p.20)

Nesta perspectiva, o temperamento é a forma que cada indivíduo tem de reagir à determinada situação e pessoas, entendendo quecada pessoa possui uma individualidade um jeito particular de reagir, mesmo com idades e personalidades parecidas são capazes de resolver o mesmo problema de formas diferentes. (PAPALLIA,OLDS E FELDMAM.2006,p.236)

Pensado a criança como um ser único e com comportamentodiferenteé fundamental que o profissional da educação infantil entenda as atitudes e os temperamentos de seus alunos, como eles reagem quando o colega toma a sua bola, qual a reação quando o professor oucolega temreações afetivas com ele e com outros colegas. São observações simples, que entendemos um poucoo mundo infantil, e assim ajudam no seu processo de aprendizagem e auto-reconhecimento.

O autoconceito é a imagem que temos de nos mesmos. É nossa crença em relação a quem somos-nossa idéia global de nossas capacidades e de nossos traços de personalidade trata-se de uma “construção cognitiva... um sistema de representações descritivas de

avaliação sobre si mesmo” o que determina como nos sentimos em relação a nos mesmo se orienta nossas reações. Harter (apud PAPALIA, 1996. P. 207 a 315).

Conforme a autora acima citada, o conhecimento do eu se dá a partir do primeiro ano de vida com uma série de experiências aparentemente isoladas, entre uma amamentação e outra, como eles respondem sensações agradáveis, e desagradáveis como: ficar muito tempo molhado, com fome, frio, sono, vinculados a reações sensório-motoras como sugar é importantes para ter consciência de suas necessidades e conseqüentemente sua identidade.

Segundo Papalia(1996),por volta de quatro a dez meses, ela aprende a esticar os braços, agarrar e pegar entra em contato direto com o mundo externo e com as pessoas a sua voltaeles passam a ter a experiência da atuação pessoal, a percepção de que podem controlar eventos externos que será realizado com as relações interpessoais entre seus cuidadores com brincadeiras de esconde-esconde onde a criança internaliza a diferença entre elee o outro.

Entre 20 e 24 meses, crianças pequenas começam a usar pronomes da primeira pessoa, outro sinal de autoconsciência (Lewis, 1997). Entre dezenove e 30 meses, elas começam a aplicar a si mesmos termos descritivos (“grande” ou “pequeno”; “cabelo liso” ou “cabelo encaracolado”) e valorizam (“bom”, “bonita” ou “forte”). O rápido desenvolvimento da linguagem permite à criança pensar e falar sobre si próprio e a incorporar descrições verbais dos pais (“Você é tão inteligente,” “Que menino grande!”) à sua própria auto-imagem emergenteStipek, Gralinski&Kopp, (apud, PAPALIA, 1990). Entendo gradativamente que são seres subjetivos que tem um espaço próprio e individual com o qual se relaciona com o mundoexterno.

Quando a auto-estima é boa, a criança é motivada a realizar. Entretanto, se a auto-estima depende do êxito, as crianças podem considerar um fracasso ou uma crítica como denúncia de seu valor e podem sentir-se impotentes para fazer melhor[...] (PAPALIA, OLDS E FELDMAN.p319).

Autoestima é o juízo que o indivíduo tem de si mesmo sobre seus valores. Entretanto assim como as crises de personalidade podem afetar a saúde psíquica e física dos futuros adultos, baixa autoestima também pode acarretar muitos problemas. Segundo Papalia, quando cita Harter (1996), antes dos oito anos de idade as crianças não conhecem o conceito de valor próprio, mas pelas suas atitudes já demonstram que as têm.

No entanto, se a criança possui uma autoestima boa, a mesma se motiva e se acha capaz de realizar novas atividades. Contudo, se sua autoestima depende do êxito, ela tende a reagir a críticas ou fracasso que aponta para sua baixa autoestima, desviando para um sentimento de incapacidade, culpa, inferioridade e falta de persistência. Se essa insegurança não for percebida e trabalhada no tempo certo, os sintomas podem persistir na vida adulta, tornando assim uma pessoa impotente diante dos problemas.

Quando a auto-estima é boa, a criança é motivada a realizar. Entretanto, se a autoestima depende do êxito, as crianças podem considerar um fracasso ou uma crítica como denúncia de seu valor e podem sentir-se impotentes para fazer melhor [...] (PAPALIA, OLDS E FELDMAN. p319)

É indispensável que pais e professores tenham um acompanhamento específico e focalizado nesta criança, procurando evitar críticas, sabendo como falar, incentivando as crianças em realizar suas atividades, e persistir em caso de fracasso, suavizar o acontecido, procurar dar mais atenção, confirmando que ela é capaz, ser afetuosa e compreensiva em casos específicos de desânimo, típicos de quem está em processo de aprendizagem. Existem vários fatores que interferem na autoestima das crianças, dentre muitos se destacam as relações interpessoais e principalmente as relações com os colegas e com professores.

1.2. Socialização e diferença de gêneros

Conforme Papalia(2006), as diferenças de gêneros são diferenças psicológicas ou comportamentais entre os sexos. Como meninos e meninas pensam, agem em determinada situação. As diferenças podem se atribuídas às expectativas e experiências sociais que meninos e meninas têm. Desde o nascimento os pais já sabem qual cor de roupa que a criança irá vestir, se rosa ou azul, com que brinquedo pode ou não brincar, esses fatores são determinados pela identidade de gênero: papéis tipificação e estereótipos.

De acordo com Papalia (2006), diferenças de gênero só se acentuam após os 3 anos de idade, a diferença que percebemos em crianças pré escolar mais visíveis são a agressividades dos meninos, tanto física como emocional, diferente das meninas que são mais simpáticas, submissas e cooperativas com os pais.

.O sexo feminino tende a se sair melhor em tarefas verbais, e não analógicas, como computação matemática, enquanto o masculino se sai bem na maioria das capacidades espaciais e no raciocínio matemático e científico. (PAPALIA, 2006) Os papéis de gênero são os comportamentos, os interesses, as atitudes, as habilidades e os traços de personalidade, considerados apropriados para homens e mulheres.

. Segundo Papalia (2006), os papéis são atitudes, comportamentos e habilidades específicas de cada gênero. Historicamente, em algumas culturas as mulheres são obedientes e submissas, cuidam de casa do marido e dos filhos; e os homens eram provedores e protetores, agressivos e competitivos. No decorrer do tempo, muitas coisas mudaram e tornaram essa vivência mais flexível, hoje já temos mulheres no mercado de trabalho e com cargo superior ao dos homens, o sexo masculino, em muito caso toma conta da casa e dos filhos, tornando assim os papéis de gêneros mais diversificados.

Os estereótipos de gêneros são generalizações típicas de cada um, como todo homem é forte e decidido; toda mulher é frágil e complicada, esses estereótipos são vistos em algumas culturas, encontrados em crianças de 2 anos e 6 meses até 3 anos, aumentando até os cinco anos. Porém é muito comum encontrar um grupo de meninos entre de 3 a 5 anos descrevendo as meninas

como: fracas, não aguenta nada, ou um grupo de meninas falando que os meninos são chatos, sujos e mal educados.

Os estereótipos de gêneros são generalizações preconcebidas sobre os comportamentos masculinos e femininos (“todas as mulheres são passivas e dependentes; todos os homens são agressivos e independentes.”) (PAPALIA, OLDS E FELDMAN, 2006 p.320.);

Tipificação de gênero é processo socialização, na qual as crianças assumem seus papéis na sociedade, como menino ou menina; eu sou menino, brinco só com meninos e de bola e carrinhos, e as meninas quando internalizam que brincam com as meninas e com brincadeira deboneca casinha. A autora ressalta que os estímulos que pais e mães reforçam no decorrer do tempo, são muito importantes na tipificação de gênero: escolhendo a cor e os brinquedos de gênero para crianças. Dados indicam que os meninos são intensamente tipificados do que as meninas e as mães estão menos preocupadas em oferecer a criança brinquedos tipificados do que os pais, que ocupa esse papel, mais intensamente, reforçando com a categorização de brinquedo.

Tipificação de gênero- processo de socialização mediante o qual as crianças, em idade precoce, aprendem os papéis considerados adquiridos a seu sexo. (PAPALIA, OLDS E FELDMAN. 2006 p.321).

Contudo, as crianças que estão em pleno desenvolvimento são presas fáceis para essa nova tecnologia como jogos eletrônicos entre outros. Quem nunca copiou uma personagem de desenho animado? qual a criança que não se identifica com o homem aranha, Batman, Super Homem ou a Barbie, Xuxa, Susy. São novos paradigmas da mulher e homem que serve de apoio para a sua imaginação teoria cognitivista social prevê que as crianças que assistem à muita televisão tornar-se-ão mais tipificadas em gêneros imitando os modelos que vem na tela. (PAPALIA, OLDS E FELDMAN 2006 p.327)

A tipificação de gênero não se limita à influência de familiares e sim tudo o que a cerca e sirva de exemplo na formação da criança. Na pré-escola, os grupos de amigos são personagens muito importantes para seu desenvolvimento. Ou seja, as crianças desde muito cedo já tem preocupação em agradar e ser aceito pelo grupo, diante este fato seus comportamentos são influenciados pelos colegas mais populares, principalmente os meninos que querem ser mais fortes e espertos. No entanto, os meninos que não possuem esses traços de personalidade são chamados de “garotinhas”, entre outros apelidos que enfraquecem e estigmatiza, interferindo no seu desenvolvimento social e intelectual.

Referente ao comportamento masculinizado das meninas, para Papalia (2006), as meninas masculinizadas sofrem menos com este tipo de preconceito, pois são mais aceitas pelos seus pares e familiares, consideradas mais espertas, sabem se defender até possuem mais amigos que as delicadas, mostrando que essa postura masculina é sinônimo de superioridade.

Conforme a autora acima citada, é muito forte a separação de gênero nesta faixa etária, assim considerando a sensibilidade e a timidez traços de fracasso e agressividade e liderança de fortes e vitoriosos. Esses tipos de comportamento são muito comuns nesta fase, porém se faz necessário, na medida do possível, respeitando seus limites, que haja intervenção por parte dos pais e educadores para que a criança aprenda a viver com as diferenças.

No entanto, cabe às instituições de ensino, como meio de socialização da criança, incentivar a interação, através de jogos e brincadeiras, e reduzir bruscamente essa separação existente entre feminino e masculino. Uma das formas dessa redução é através das brincadeiras, sobretudo as de grupo, pois fazem com que essas crianças exercitem a capacidade de respeitar o seu próximo, independente de sua cultura ou gênero.

1.3 As brincadeiras na socialização de crianças

A brincadeira é muito importante para o desenvolvimento global da criança, estimulando assim o cognitivo, físico, psicológico e social. O mundo infantil é repleto de fantasias, que são vivenciados a todo o momento de sua vida. No decorrer do tempo e o amadurecimento das crianças as brincadeiras e o jeito de brincar mudam.

O brincar sempre foi sinônimo de interagir com o outro, porém elas também brincam só. Segundo Papalia (2006), essa brincadeira proporciona um momento em que ela desenvolve o seu cognitivo, físico e social. Esse processo gradativamente vai mudando e com eles a forma de pensar o mundo que as rodeiam, evoluindo para que os jogos dramáticos envolvessem outras pessoas que fazem parte de um grupo.

Um tipo de brincadeira que se torna mais social durante os anos de pré-escola é o jogo imaginativo, o qual evolui do faz-de-conta solitário para o jogo dramático, envolvendo outras crianças. (RUBIN ET AL. 1998, SINGER E SINGER, 1990, apud PAPALIA, OLDS E FELDMAN, p.330)

Responsabilidade atribuída à instituição de ensino, sendo este um ambiente de socialização da criança, configurando o papel do professor tornando o momento de descontração em uma atividade significativa, e reduzir bruscamente essa separação existente entre feminino e masculino.

Para Papalia (2006) a brincadeira é muito importante para o desenvolvimento global da criança estimulando assim o cognitivo, físico, psicológico e social. O mundo infantil é repleto de fantasias, que são vivenciados a todo o momento de sua vida. Ao empilhar blocos, andar de ônibus e fingir que é o motorista, os transforma em protagonista natural de sua própria história. No decorrer do tempo, as brincadeiras e o jeito de brincar das crianças mudam, iniciando com os jogos de faz-de-conta, usando a imaginação,

consequentemente os jogos funcionais, nas quais, envolvem movimentos como, correr, pular e rolar, ao passar essa fase, ela tem uma forma de brincar, mas intensa, com lutas, chutes e perseguições, que são confundidos com agressividade, mais comum na terceira infância para Papalia (2006, p. 332)...] “as crianças que costumam brincar imaginativamente tendem a cooperar mais com outras crianças e a ser mais populares e mais alegres do que as que não brincam assim.”

É com a brincadeira, que ela entra em sintonia com o mundo ao seu redor, buscando significado para muitas dúvidas que são fundamentais para um bom funcionamento global da criança. Com isso se faz necessário que educadores e pais respeitem esta fase, estimulando a brincadeira, usando o brincar como instrumento de educação e interação, tornando-a, mais significativa, estimulando seu cognitivo, social e o psicológico da criança.

1. 4 O papel do/a professor/a

Muito se tem falado sobre a educação infantil e o perfil do profissional que venha suprir as necessidades características desta idade. Ainda hoje nos deparamos com funcionários sem nenhuma qualificação na área, sujeitando as crianças a momentos de ócio sem atividades afetiva, motora e cognitiva adequada.

Diante disso, Mahoney (2004) citando Wallon teórico que estudou a psicogênese da criança, numa perspectiva da constituição da pessoa, resultante da integração das dimensões motoras, afetivas e cognitivas, pensando numa visão global da criança, ressalta a importância do professor como sujeito ativo na constituição da pessoa do aluno.

Assim, o educador exerce papel fundamental na vida da criança, podendo proporcionar repúdio pelo aprender como também dar sentido a ele. Para que o aprendizado seja prazeroso e significativo, necessita-se de um ambiente favorável, facilitador, agradável e de relacionamentos positivos. A infância é o período de adaptação da criança ao meio, nessa perspectiva a instituição de

ensino desempenha um papel de segundo agente socializador, como foi citado anteriormente, considerado o segundo lar dará continuidade a esse processo de formação do indivíduo.

A afetividade no ambiente escolar irá facilitar o processo de ensino-aprendizagem. Diante das discussões, faz-se necessário que o mediador do processo educativo, favoreça as condições necessárias para um desenvolvimento saudável, e assim contribua para que a aprendizagem se torne significativa.

Diante disso, o ser professor na concepção Walloniana, muito mais que um reprodutor do conhecimento, é um mediador entre o aluno e a aprendizagem. Nesse sentido, sabe-se que aprender é selecionar, organizar e interpretar informações, considerando assim a biografia do educando, ou seja, seu aspecto afetivo, cognitivo e social, onde estes, de maneira alguma podem se dissociar, pois não se pode pensar em aprendizagem sem primeiro considerar tais fatores.

Fatores estes que estão intrinsecamente relacionados e cabe ao professor desempenharseu papel de mediador entre o aluno e a aprendizagem, reconhecendo e canalizandoas suas emoções, como diz Mahoney:

Como tudo o que ocorre com a pessoa tem um lastro afetivo e a afetividade tem em sua base a emoção, e como a emoção é corpórea, concreta, visível, contagiosa, o professor pode “ler” seu aluno: o olhar, a tonicidade, o cansaço, a atenção o interesse são indicadores do andamento do processo de ensino que está oferecendo (MAHONEY2004, p.126).

Porém ser professor da educação infantilrequer mais atenção e cuidado, pois esses sinais de emoções são mais acentuados nos bebês que estão em processo de aquisição da linguagem,na qual a expressão corpórea éo único modo que eles possuem para indicar suas necessidades,como: fome, sede, dor alegria e angústias, fatores que são fundamentais para um desenvolvimento da criança.

E para que esse desenvolvimento seja positivo, a mediação de um profissional que observe as necessidades básicas das crianças, lhes proporcionando conforto e bem estar é fundamental para que elas se sintam seguras e confiantes no mundo que as cercam.

No entanto, cabe ao professor proporcionar diversidade de atividade, motora, afetiva e cognitiva para a criança, usando de suas habilidades, espontaneidade para investigar alguns comportamentos que estejam prejudicando o grupo, ou alguma dificuldade de socialização e comunicação. Valorizando os momentos de aprendizagem através da música, literatura, dramatização que servirão de instrumento de direção das emoções em benefício do pensar e da ampliação da cultura. Como podemos verificar no RECNEI:

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidado, brincadeiras e aprendizagem orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Nesse processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis. (BRASIL, 1998 p.23).

Dessa forma, a formação do professor é fundamental para um bom resultado na sua prática escolar, porém não é o único fator que o faz um profissional qualificado para atuar com crianças. A experiência possui um papel muito importante, pois é através do contato diário que os professores adquirem a capacidade de entender as angústias, medos, comportamentos agressivos e a timidez da criança, entre outros, que se configura nos conflitos próprios desta faixa etária, o conhecimento e o controle de tais situações nos fazem encontrar saídas para determinadas situações que, com a prática junto à teoria possibilita aos docentes encaminhar a situação com segurança, serenidade e firmeza.

Comodiz (ALMEIDA, apud MAHONEY, 2004, p 126)

Como tudo o que ocorre com a pessoa tem um lastro afetivo e a afetividade tem sua base na emoção, e a emoção é corpórea, concreta, visível, contagiosa, o professor pode “ler” seu aluno: o olhar, a tonicidade, o cansaço, a atenção, o interesse são indicadores do andamento do processo de ensino que está oferecendo.

Considerando a afetividade como um fator intrínseco do ser humano, cabe ao professor observar nos alunos, suas ansiedades, seus movimentos corporais, suas mímicas, tensões e apatias que serão sinais e indicativos de que está havendo ou não aprendizagem. Trabalhando o seu autoconceito e autoestima, observando como ele está aprendendo, pois se faz necessário desenvolver atividades que envolvam afetividade.

Em suma, para que o professor possa entender as crianças, como elas aprendem e qual momento propício para cada conteúdo abordado, considerando a integração funcional e suas condições orgânicas e sociais, na qual sua prática seja centrada no aluno, respeitando cada estágio de sua vida e possibilitando uma educação significativa.

2. A SOCIALIZAÇÃO DE CRIANÇAS DO BERÇÁRIO DE UMA CRECHE FILANTRÓPICA

2.1 Procedimentos metodológicos

Esta é uma pesquisa qualitativa, do tipo pesquisa ação, que vem refletir sobre o desenvolvimento social afetivo de crianças do berçário de uma creche filantrópica localizada na cidade de Campina Grande, tendo como instrumento de pesquisa o diário de campo, cujos dados foram coletados e analisados.

2.1.2 Local do estudo

Funcionando desde 1954, é mantida por doações e de convênios. O objetivo da instituição é atender crianças vindas de famílias que precisam do apoio social, deixando-as aptas para cursar o Ensino Fundamental. A creche atende 150 crianças, com idades de 0 a 7 anos, em horário integral de segunda a sexta.

O local é bastante amplo, possui salas ventiladas, limpas e organizadas. Os banheiros são adaptados e limpos e possui uma área recreativa bastante agradável. O ambiente tem jardins floridos, varandas ventiladas, refeitórios, parques e um auditório.

As crianças são acompanhadas por duas cuidadoras, que são encarregadas dos cuidados diários das crianças, como: a higiene, colocar para dormir e alimentar. Necessitando assim de uma educadora que tem como objetivo pedagógico desenvolver atividades que estimulem o desenvolvimento motor intelectual, social e afetivo. Diariamente as mães entregam seus filhos as 07h00min e os pegam as 16h00min, todas limpas e alimentadas.

2.1.3 Sujeitos da pesquisa

A pesquisa foi realizada com um grupo de doze crianças do berçário com idade de 6 meses a 2 anos, matriculadas na instituição filantrópica localizada no Município de Campina Grande, PB. São crianças de famílias carentes que necessitam de um lugar seguro que proporcione aos seus filhos cuidados e educação.

2.1.4 Coleta de dados

As observações foram realizadas no berçário com doze crianças, sendo sete meninas e cinco meninos com idade entre seis meses e dois anos. O período de observação foi de agosto a novembro de 2013. As observações foram realizadas no turno da tarde, no período de 13h00min as 16h00min. Foram registradas através do diário de campo o dia a dia das crianças, as atividades realizadas no berçário, na varanda, na sala de recreação, no banho e na alimentação.

2.2 O dia a dia no Berçário- observação participante

No primeiro dia foi observado o funcionamento da instituição: quantas eram as cuidadoras, qual sua formação, quantas crianças estavam matriculadas sua idade e onde moravam, na sequência perguntamos como funcionavam a rotina diária, e quais as crianças que se destacavam com relação a bom comportamento e as mais quietas e agitadas após dados coletados confrontamos a realidade em que eles se encontravam com a teoria estudada. As cuidadoras, para nossa surpresa têm ensino fundamental, ainda em processo de conclusão, ao perguntar se existia alguma pedagoga elas falaram que não, são duas funcionárias que cuidam das crianças. Após reunimos dados com as cuidadoras e na sequência, observamos como realmente funcionava, decidimos analisar os dados

a partir dos momentos que nos encontrávamos na instituição, que se iniciava a partir das 13 horas às 17.

Ao chegar à instituição, as crianças estavam em repouso da tarde que inicia de 12 horas as 13 horas dependendo do biológico decada criança, um a mais tarde outra mais cedo e assim as crianças foram colocadas na sala ampla que ficara ao lado do berçário. No primeiro momento, reunimos as crianças para estabelecer contato, conversar, brincar, ver como elas se comportam. A maioria queria atenção e colo, outras preferiam se afastar e ficar no canto da parede. Percebemos o quanto as crianças precisam de carinho, ao nos ver uns vieram ao nosso encontro, outros choraram muito, um ou dois ficaram lá quietinhos com vergonha. Percebemos nos olhares a vontade de serem acolhidas. Em seguida, todos se aproximaram e queriam brincar, manter contato, nos dar os poucos brinquedos que tinham. Esse foi um dos fatos que nos observamos: a altura em que estavam os poucos brinquedos que haviam do na sala.

Presenciamos um fato que para elas era corriqueiro, mas para nós marcou muito, uma experiência que jamais iremos esquecer. Logo ao chegar, encontramos uma criança chorando muito, e ao perguntar as cuidadoras o que estaria acontecendo, ela nos informou que era manha da criança, ela tinha uma irmã gêmea que era bem quietinha e ela sempre foi manhosa, e a menina continuou a chorar até que uma de nós pegou-a nos braços, ela parou de chorar, uma das cuidadoras pediu que a coloca-se no chão novamente, e a criança continuou a chorar, até que chegou a hora de sair e a menina não parava de chorar, quando sua mãe chegou disse: “ eu me esqueci de dizer que a menina está doente, eu tenho que levar ela para o hospital, assim que eu sair daqui”. Como fala BARBOSA (2001) “o cuidar tem um peso muito maior do que do banho, colocar pra dormir e dar comida, cuidar significa auxiliar no desenvolvimento das capacidades, considerando as necessidades da criança que quando ouvidas e respeitadas são termômetro para qualidade que estão recebendo”. Diante disto, percebemos como é importante que se observem as crianças com atenção, que a criança não chora a tarde inteira só por manha, tinha um motivo maior, algo estava errado com a criança, e não foi levado em consideração.

Observamos a hora da alimentação,umas tomam a sopinha, enquanto outras as mamadeiras e elas sabem onde fica sua refeição, no entanto assim como em outras atividades o processo é muito mecânico, não existe uma música, uma brincadeira, ficam todas muito sérias para receber a alimentação, nesse momento não podíamos interferir.

Na hora do banho as crianças que andam, ficam em fila indiana as outras no colo das cuidadoras, que serão os primeiros a tomar banho,nesse momento podemos perceber como é importante o convívio, as relações de amizade que se formam com o dia a dia e um simples banho se torna um momento especial.Apesar da forma mecânica e fria que se procede segundo uma das cuidadores se faz necessário proceder desta forma por sem muitas crianças. Porém, para eles esse momento em que sua família está chegando para levar para casa, momento este,esperado durante toda tarde.

Ao observar o processo de saída das crianças podemos perceber o quanto é forte o vínculo com a família apesar do tempo que eles passam distantes,o carinho e o amor que essas crianças têm pela família, é notável ver que eles já sabem a hora de sua mãe, pai ou responsável chegar para levá-las para casa, é perceptível no seu sorriso, no olhar e na alegria que observamos.

“Finalmente consideramos que, para atender com qualidade as crianças, é importante o contato com as famílias, com seu lugar de moradia e lazer para pensar formas de organização do ambiente e estabelecer princípios quanto ao uso destes ambientes.” (Barbosa, Horn 2007, p74). Sendo a creche a extensão de sua casa cabe a instituição diminuir essa distância que observamos proporcionando um ambiente acolhedor, confortável e adaptado as necessidades da criança.

No turno da tarde as crianças são alimentadas com frutas e sopa, descansam nos berços e em seguida, as cuidadoras as levam ao banho. Observamos que no berçário e maternal, as crianças brincam sozinhas, sem nenhuma intervenção ou intencionalidade pedagógica, pelo fato de não ter profissionais com formação adequada. Com relação às atividades, as crianças brincam com brinquedos que são doados pela comunidade e quando estão disponíveis. Porém, nenhuma atividade que objetive o desenvolvimento psicomotor, social, pessoal ou afetivo da criança foi observada.

Com relação ao relacionamento, cuidadora e crianças, sabemos que as responsáveis são referência para as crianças, por isso são muito importantes para elas, e muitas são consideradas como da família. Diante de um período muito longo de convivência, existe um vínculo muito forte entre cuidadora e as crianças, pois são sua única referência de adulto no seu dia a dia, são aquelas pessoas que as alimentam, dão banho e lhes orientam bem ou mal, porém que fazem o papel de família na ausência de pai e da mãe, avós, avôs entre outros.

As crianças da instituição são bem cuidadas, mas nota-se um enorme espaço a ser preenchido, percebe-se que as brincadeiras são espontâneas, que não existe atividade direcionada com intervenção pedagógica. Colocamo-nos não como críticos, mas como observadores do desenvolvimento natural entre crianças de 5 meses a dois anos, necessitam de saúde intelectual, motora, social e afetiva. Deixar registrado a importância de se trabalhar desde muito cedo o desenvolvimento social e afetivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação infantil é um período muito importante para o desenvolvimento global da criança, sendo assim um momento muito propício para desenvolver um trabalho pedagógico. Na creche citada, podemos observar a falta de preparação das cuidadoras e atividades que estimulemo emocional, social e motor.

No decorrer da nossa pesquisa, notamos a importância de um conhecimento teórico, e de uma sensibilidade e comprometimento com a prática pedagógica, que requer um compromisso com a criança, não só de conhecimento teórico, mas também no que diz respeito à afetividade, que vem interferir e está vinculada em todo o processo global de desenvolvimento. As emoções que muitas vezes são esquecidas na educação infantil têm um papel importantíssimo nesta fase, na qual a criança quer explorar o espaço físico, fazer seleções, e conseqüentemente reconhecer si mesmo, como ser diferente ou semelhante do outro. O desenvolvimento social e afetivo possui exatamente esse elo entre as emoções e a aprendizagem e o conhecimento do seu “eu”.

E cabe aos professores entender que muito mais que educar ou cuidar de crianças, somos sujeitos que formamos opiniões e servimos de exemplos bons e ruins, somos pessoas que precisam identificar suas emoções, angústias e seus medos, desencadeando uma educação de liberdade de expressão, corporal, verbal, social e emocional.

Portanto, o ser professor vai além de transmitir meros conhecimentos, ser professor é antes de tudo ser um facilitador da aprendizagem, ele é a ponte que liga o aluno a novos conhecimentos. O professor dá a base para uma boa formação dos sujeitos, ele tem um papel fundamental na educação, que é o de educar o aluno em sua complexidade, respeitando a heterogeneidade da sala de

aula e levando em consideração a afetividade como uma parte significativa no processo ensino- aprendizagem.

No entanto, apesar de um bom espaço físico e bons cuidados que as crianças recebem, a instituição necessita de uma equipe pedagógica que auxilie o desenvolvimento das crianças no berçário. Sendo assim, a escola tem um papel de formar cidadãos críticos, autônomos e ativos, deve possibilitar as condições adequadas e, contudo necessárias para que os alunos possam sentir-se seguros e acolhidos desde tenra infância.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. G. S. Organização do espaço e do tempo na escola infantil. In: CRAIDY, C.; KAERCHER, G. E. **Educação Infantil**. Pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

BRASIL. Ministerio da Educação e do desporto. Secretaria de educação fundamental (1998). **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/ SEF, 1998. V. I.

CÓRIA-SABINI, M.A. LUCENA, R.F. **Jogos e Brincadeiras na Educação Infantil**. Campinas. Papyrus, 2004.

COLL, César. MARCHESI, Álvaro. PALÁCIOS. Psicologia Evolutiva. Conhecimento Social e Desenvolvimento de Normas e Valores entre dois e seis anos. **Desenvolvimento Psicológico e Educação**. 2ª edição. Porto Alegre. Artmed, 2004. 3v. Vol.1.

FELDMAN, Roberts. **Introdução À psicologia**. 6ª Ed São Paulo: McGraw-hill, 2007

GALVÃO, Izabel. Expressividade e emoções segundo a perspectiva de Wallon. In: ARANTES, V.A. (org). **Afetividade na escola: a Alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 2003.

MYERS, David, G. Introdução à Psicologia Geral. Rio de Janeiro: LTC. **Livro Técnico Científico**, ed.SA. 1999. trad. A.B. Pinheiro de Lemos.

MUSSEN, H.Paul. O Desenvolvimento Psicológico da Criança. 7ª. Ed. Rio de Janeiro. Zohar. 1975.

PAPALIA, Dione. E (etal). Desenvolvimento psicossocial nos três primeiros anos. **Desenvolvimento Humano**. 8ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.p.

PAPALIA, Dione. E (etal). Desenvolvimento psicossocial na terceira infância. **Desenvolvimento Humano**. 8ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2006 p.315 à321.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R de (orgs.). **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. 2. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004. P.147

MEIRA, Marly Ribeiro, PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. **Arte, afeto e educação**. A sensibilidade na ação pedagógica. Porto Alegre: Mediação, 2010.

RABELLO, E.T. e PASSOS, J.S. Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento. Acessadodia7-05-20013 as 20h09min.

<http://www.webartigos.com/artigos/a-teoria-do-desenvolvimento-psicossocial-de-erik-erikson> acessadodia 19-03-2013 as 18:09.

Disponível em: <http://www.icpg.com.br/artigos/rev03-04.pdf> Acesso em: 28/03/2011

Disponível:<http://www.smecc.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espacoeducar/educacaoinfantil/artigos/a%20psicogenetica%20de%20wallon%20e%20a%20educacao%20infantil.pdf> Acesso em: 28/03/2011